

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Duas dialéticas negativas: experiência espiritual e crítica da ideologia no Adorno tardio

Amaro Fleck

<https://doi.org/10.1590/0101-3173.2026.v49.n2.e026008>

Submetido em: 2026-07-02

Postado em: 2026-07-02 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

DOI: 10.1590/0101-3173.2026.v49.n2.e026008

Duas dialéticas negativas: experiência espiritual e crítica da ideologia no Adorno tardio

Amaro Fleck

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte – MG, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7710-9141>

E-mail: amarofleck@hotmail.com

Nota editorial: Este manuscrito foi aprovado para publicação na revista *Trans/Form/Ação* e encontra-se em preparação editorial. A versão de registro será publicada posteriormente pela revista.

Resumo: Dialética negativa não é apenas o nome do livro de Adorno de 1966, mas também do procedimento teórico-crítico elaborado ali pelo autor. O presente artigo defende a tese de que não há um procedimento dialético negativo, mas sim dois. O primeiro deles é a experiência espiritual: o imergir em objetos efêmeros e pueris. Em tal experiência, a imersão busca ir além da mera classificação desses objetos: por meio da constelação de conceitos ela pretende abrir aquilo que o conceito sozinho não alcança, o não idêntico. Não identidade, nesse caso, é sinônimo de não conceitual. Esse procedimento é bem ilustrado pelo ensaio de Adorno *As estrelas descem à Terra*. O segundo procedimento é o da crítica da ideologia. Esse procedimento tem por objeto o contraste entre conceitos enfáticos, mais precisamente aqueles presentes em discursos de legitimação, e sua efetivação. A crítica da ideologia busca tanto denunciar a não realização das promessas contidas nesses conceitos quanto mostrar que esses próprios conceitos já contêm essa frustração. Não identidade, agora, significa as diferenças entre o discurso de legitimação e a realidade social, a marca do antagonismo existente. O ideal seria um mundo no qual os conceitos fossem de fato efetivados, onde haveria uma identidade racional entre o conceito enfático e o mundo sancionado por ele. O primeiro modelo da *Dialética negativa*, “Liberdade”, é o paradigma deste segundo procedimento.

Palavras-chave: Theodor W. Adorno, Dialética negativa, Não identidade, Experiência espiritual, Crítica da ideologia.

E se, contra a vontade de seu próprio autor, a *Dialética negativa*, o livro, não expuser um, mas sim dois procedimentos distintos, ambos denominados da mesma forma que o próprio livro, isto é, dialética negativa? Em outras palavras, e se houver duas dialéticas negativas, dois procedimentos diferentes expostos no livro, e não apenas um? Gostaria de propor esse exercício de pensamento aqui. Quais procedimentos seriam esses? Quais as consequências para o próprio projeto adorniano? E quais as consequências para nós, comprometidos com seu legado?

Introdução: As duas dialéticas negativas

Adorno, na introdução da *Dialética negativa*, examina o conceito de experiência filosófica [*philosophische Erfahrung*] ou, como ele mesmo empregará de modo mais recorrente, de experiência espiritual [*geistige Erfahrung*]. A experiência espiritual se caracteriza pelo primado do objeto, um objeto particular, concreto, antagonista, contraditório, no qual é possível imergir, de modo micrológico, e desvendar assim a totalidade na qual ele participa. Por meio de uma constelação de conceitos é possível abrir seus elementos não conceituais, sem com isso, todavia, identificá-lo com o conceito no qual esse objeto é subsumido ou com o qual ele é classificado. Por tudo isso é difícil (ou mesmo impossível) distinguir a experiência espiritual do ensaio, ou, melhor dito, talvez o ensaio seja a forma necessária de sua exposição. Para fins de ilustração, sugiro o escrito *As estrelas descem à Terra* como uma obra na qual esse procedimento é realizado de modo paradigmático.

Mas Adorno apresenta também, ao longo da mesma obra, sobretudo em sua segunda parte, o procedimento da crítica da ideologia como cerne do procedimento dialético negativo. Enquanto filosofia, a dialética negativa é uma crítica sem piedade da própria filosofia. Ela busca mostrar como os conceitos filosóficos serviram para legitimar ou justificar situações de dominação e de exclusão. Nessa medida, cabe a uma filosofia transformada perseguir a inadequação entre conceito e coisa, em nome de uma identidade racional a ser realizada em uma futura sociedade liberta. Como o próprio Adorno menciona no prefácio: os modelos elucidam esse procedimento, e sua realização exemplar se dá sobretudo no primeiro, “Liberdade”.¹

1 Primeiro procedimento: dialética negativa como experiência espiritual

¹ A ideia de que não há uma, mas sim duas dialéticas negativas não é nova. Ela remonta à conferência “Dialektik als Vernunftkritik” [“Dialética como crítica da razão”] de Herbert Schnädelbach, proferida na Adorno-Konferenz de 1983. Schnädelbach separa o projeto epistemológico (a autorreflexão crítica do sujeito, o projeto de uma racionalidade do não idêntico) da teoria social (a ontologia do estado falso). Para ele, a primeira é um modelo ainda válido para a teoria crítica, ao passo que a segunda estaria condenada. Anke Thyen, aluna de Schnädelbach, elabora essa separação em seu livro *Negative Dialektik und Erfahrung* [Dialética negativa e experiência]. De acordo com ela, a racionalidade do não idêntico derivada da autorreflexão crítica do sujeito é a experiência espiritual. (Quanto a isso, conferir: Pucciarelli, 2019, p. 51-57). O corte proposto por mim, no entanto, é outro. Em meu argumento tanto a crítica da ideologia quanto a experiência espiritual são *ao mesmo tempo* teoria social e reflexão epistemológica. Ao contrário deles, não sugiro o fracasso de Adorno em seu projeto de unir crítica do conhecimento e crítica da sociedade. Ele foi duas vezes bem-sucedido.

Em *Das Konzept einer negativen Dialektik* [*O Conceito de uma dialética negativa*], Marc Sommer argumenta: “a experiência espiritual consiste na penetração recíproca entre o plano formal e o plano da experiência, e, assim, ela nada mais é do que a própria dialética negativa.” (2016, p. 278²)³. Tal identificação entre experiência espiritual e dialética negativa é justificada, mas é também parcial. De fato, ao longo de boa parte da obra a caracterização da experiência espiritual coincide ou se sobrepõe à caracterização do próprio procedimento dialético negativo.

Adorno protesta contra o processo de formalização da filosofia. Para ele, a filosofia precisa ser uma forma de interpretação de objetos, de conteúdos. A dialética é definida como imersão nesses objetos a serem interpretados, num entregar-se a esses objetos ou mesmo num abandonar-se a eles. O teórico dialético precisa ser um sujeito forte – um eu bem formado, na medida em que isso ainda é possível – exatamente porque ele precisa desaparecer: uma verdadeira experiência espiritual ilumina tão somente seu objeto. Mas qual objeto? Adorno responde: “O objeto da experiência espiritual é em si um sistema antagonista extremamente real” (2009, p. 17; GS6, p. 22). Seja qual for o objeto no qual se imerge, seja ele a Madeleine de Proust ou uma mera coluna de jornal, o que se desvenda é um mundo contraditório no qual tudo está conectado pelo nexo da troca mercantil, e por isso esse objeto é parte de um sistema, de uma totalidade.

Sommer tem razão ao afirmar: “A teoria da experiência espiritual é [...] a teoria do conhecimento de Adorno” (2016, p. 185), mas tão somente por frisar a imbricação de sua teoria do conhecimento com sua teoria social, ou, nas palavras do próprio Adorno, “a crítica da sociedade é crítica do conhecimento, e vice-versa” (GS10.2, p. 748). Portanto, a experiência espiritual proposta por Adorno consiste em imergir em um objeto, em conhecer esse objeto o máximo possível, mas esse objeto é sempre um objeto antagonista da sociedade capitalista, e interpretá-lo é, por isso, desvendar a dominação capitalista onde ela estiver. Enquanto experiência espiritual, a dialética negativa é micrologia. Para ela, cabe à filosofia interpretar objetos efêmeros, individuais, particulares, “aquilo que desde Platão foi alijado como perecível e insignificante e sobre o que Hegel colou a etiqueta de existência pueril.” (Adorno, 2009, p. 15; GS6, p. 19-20). A totalidade (capitalista) só se revela no detalhe, não

² Todas as traduções das passagens citadas neste artigo provenientes de textos escritos em outras línguas são minhas, à exceção de alguns textos de Adorno com boas traduções já existentes. Ainda assim, no caso dos textos de Adorno, as passagens citadas foram cotejadas com o original e, algumas vezes, modificadas (neste caso indico com um asterisco depois da paginação da edição em língua portuguesa).

³ Anke Thyen afirma algo semelhante: “Pode-se ler a *Dialética Negativa* como uma teoria da experiência.” (1989, p. 213)

pode ser apreendida de outra forma. A opção pela micrologia não é um abandono da totalidade, muito pelo contrário: quanto mais se busca interpretar o absolutamente individual e captar, por meio de conceitos, aquilo que o próprio conceito não alcança, mais se encontra a totalidade da qual esse objeto é parte.

Como interpretação de objetos, a experiência espiritual quer conhecer o não idêntico, entendido aqui como os aspectos não conceituais do objeto ou, em outras palavras, como aquilo que não é apreendido em sua mera identificação classificatória.

Dialética é o conhecimento do não idêntico também na medida em que precisamente ela identifica, mais e de outro modo do que o pensamento da identidade. Ela quer dizer o que algo é, enquanto o pensamento da identidade diz sob o que algo cai, do que é exemplar ou representante, aquilo que, portanto, ele próprio não é. (Adorno, 2009, p. 130*; GS6, p. 152)

Para isso é preciso um procedimento capaz de “abrir o não conceitual com conceitos”. E Adorno sugere diversos recursos com tal intuito: escapar do fetichismo do conceito – isto é, considerar o conceito como apenas um momento do conhecimento, e não como sua finalidade; reconhecer e valorizar os elementos estéticos, miméticos e expressivos presentes no processo cognitivo; mas, sobretudo, buscar abrir o objeto investigado por meio de uma constelação de conceitos, em vez de simplesmente identificá-lo com *um* conceito.

A experiência espiritual já é possível nesse mundo antagonista e contraditório. Já agora é possível mergulhar no objeto e alcançar, por meio de conceitos, seus elementos não conceituais. Isso significa, em outras palavras: aqui e agora é possível conhecer os objetos, não estamos condenados a apenas classificá-los, a apenas identificá-los com seu conceito. Mas se a experiência espiritual é essa tentativa de imergir no absolutamente singular, e, portanto, ser um conhecimento qualitativo – capaz das mínimas distinções, de captar os menores detalhes, as mais ínfimas nuances – essa experiência lida com objetos danificados, busca o qualitativo em objetos carentes de qualidades. Nas palavras do próprio autor: “as qualidades só se libertariam em um estado objetivo que não seria mais limitado à quantificação e que não inculcaria mais a quantificação naquilo que precisa se adaptar espiritualmente” (Adorno, 2009, p. 45*; GS6, p. 54). Tanto a coisa está danificada quanto o sujeito que a experiencia. Aliás, “na coisa, o potencial de suas qualidades espera pelo sujeito qualitativo” (Adorno, 2009, p. 45*; GS6, p. 54). Assim, a experiência plena depende de sujeitos e objetos transformados, ainda inexistentes. Por ora só podemos ter experiências parciais.

1.1 *As estrelas descem à Terra* como paradigma do primeiro procedimento

O livrinho *As estrelas descem à Terra* serve como um bom caso de experiência espiritual ou filosófica. Nesse ensaio, Adorno interpreta as colunas de astrologia do jornal *Los Angeles Times*, colunas essas publicadas entre novembro de 1952 e fevereiro de 1953 e escritas por Carroll Righter. Nada há de mais pueril, perecível e insignificante do que colunas de astrologia, e justamente por isso é interessante imergir nesse objeto particular.

Não se conhece esse objeto por sua classificação. Nada é ganho ao se afirmar “ela é uma coluna de jornal”, tampouco ao se taxá-la de pseudociência, ocultismo ou passatempo. Quem não se detiver nos elementos retóricos, estéticos, miméticos presentes nessas colunas não terá condições de interpretá-las adequadamente. Uma coluna de astrologia não é um argumento persuasivo, ela não busca convencer seu interlocutor. A sua escrita tem outros objetivos: criar familiaridade, acolher, confortar.

Ademais, tal coluna é história sedimentada: é preciso revelar como a própria astrologia não é estática, sempre a mesma. Ela surge e se transforma. A coluna de astrologia responde a demandas específicas em contextos determinados. Para começo de conversa: ela é uma mercadoria. Portanto, não se trata de uma investigação em busca da verdade, mas de um produto comercial: toda mercadoria visa satisfazer a uma carência, um desejo, uma necessidade (seja do estômago, seja da fantasia). E qual necessidade é essa? A carência de uma indicação sobre como guiar a sua própria vida, por um apoio paternal, por conselhos. No entanto, esse guia para a vida não é nada neutro, ele é profundamente conformista: recomenda o respeito à autoridade, a obediência hierárquica, o contínuo ajustamento do indivíduo ao seu ambiente, a adaptação às suas circunstâncias.

Para Adorno há, na coluna de astrologia, uma espécie de racionalização do irracional: a coluna é praticamente privada de elementos explicitamente supersticiosos, ela emula o tom do aconselhamento psicológico, suas conclusões parecem derivar diretamente de observações cientificamente certificadas, de modo a velar seus elementos mágicos, a deixar o mais remota possível a sua fonte irracional. E justamente por isso a coluna elabora algo da realidade social: não cabe ao indivíduo questionar a irracionalidade do todo, mas sim saber tirar proveito disso. Nas palavras do autor:

A discrepância entre os aspectos racionais e irracionais da coluna expressa uma tensão inerente à própria realidade social. “Ser racional” significa não questionar as condições irracionais, mas fazer o melhor possível com elas, do ponto de vista dos próprios interesses privados. (2008, p. 46*; GS9.2, p. 25)

A coluna de astrologia seria chamada por Adorno, alhures, de “ideologia complementar”⁴: ela edulcora uma situação desagradável, de forma a impedir que tal situação possa ser elaborada pelo indivíduo e futuramente transformada. Ela parte de uma constatação correta: os indivíduos não são senhores de suas vidas, poderes transcendentales lhes ditam o que fazer, quando fazer, como fazer. Suas vidas, seus destinos, estão à mercê de forças impessoais, distantes, abstratas. Mas essas forças obviamente não estão nas estrelas, e sim em um modo de produção bastante específico, a constelação do capital.

Em resumo, a imersão na coluna de astrologia do jornal *Los Angeles Times* rapidamente remete à interpretação da sociedade na qual ela toma parte. Enquanto mercadoria, ela participa do nexu universal do capitalismo tardio. Ao desvendar o enigma de um objeto tão pueril, a interpretação filosófica acaba por fornecer elementos difíceis de serem obtidos por meio da decifração de objetos mais sérios. O próprio Adorno não explicita os motivos dessa exigência hermenêutica (o privilégio do pueril), mas ela parece prolongar, na análise da sociedade, um motivo psicanalítico clássico: a ideia de que a repressão se atenua em formações de compromisso (como chistes, atos falhos e sonhos) permitindo o retorno deformado de conteúdos recalçados. Assim, conflitos e insatisfações sociais emergem com maior nitidez em fenômenos negligenciados, exatamente porque neles a repressão social opera de modo mais frouxo.

2 Segundo procedimento: dialética negativa como crítica da ideologia

“Depois de quebrar a promessa de coincidir com a realidade ou ao menos de permanecer imediatamente diante de sua produção, a filosofia se viu obrigada a criticar a si mesma sem piedade” (Adorno, 2009, p. 11; GS6, p. 15). Nada mais cabe à filosofia rediviva depois de perder seu instante de realização senão isso: “O movimento dialético permanece filosófico enquanto autocrítica da filosofia” (Adorno, 2009, p. 133; GS6, p. 156). Essa

⁴ “Eu mesmo gostaria ao menos de indicar-lhes duas possibilidades de tal formação ideológica que me parecem bastante fundamentais. Uma dessas possíveis ideologias poderia talvez ser designada como o tipo muito abrangente da ideologia de justificação, ela consiste em, ao projetar determinadas relações segundo o seu próprio conceito ideal, ao mesmo tempo justificar essas relações. Assim, por exemplo, a teoria da sociedade liberal como uma troca de equivalentes é uma típica ideologia de justificação desse tipo. (...) A essas ideologias de justificação se contrapõem ideologias complementares, isto é, ideologias que, justamente porque em um estado de coisas algum aspecto é experimentado em sua negatividade, não justificam imediatamente esse estado de coisas, mas lhe acrescentam algo, como argumento espiritual ou como forma de consciência, que ele próprio não possui. (...) Assim, é o caso, por exemplo, de que, sem dúvida alguma, uma das funções sociais das religiões foi a de consolar os homens a quem nesta vida coube má sorte, de prometer-lhes uma recompensa no além — de que então lhes iria melhor (...). Mas naturalmente existem também hoje tais ideologias complementares, por exemplo quando aos homens, precisamente porque hoje cada um é determinado apenas como função no interior da totalidade social e porque de sua espontaneidade assim como de sua individualidade depende cada vez menos, é incessantemente martelado que no centro do mundo estaria o homem. O homem é, poder-se-ia dizer, a ideologia complementar da desumanização universal.” (Adorno, 2011, p. 249-50).

autocrítica filosófica da filosofia só é pertinente, no entanto, por apontar também para fora da filosofia: porque a crítica das teorias filosóficas é também uma crítica do sistema social sancionado por elas.

As teorias filosóficas são assim consideradas como ideologias e a dialética negativa como a elaboração mais refinada do procedimento de sua crítica. Adorno usa o termo ideologia em sua acepção marxista ou crítica mais usual, a saber: como ideologia de justificação, como discurso de legitimação. As teorias filosóficas legitimam as instituições existentes, a ordem ou o sistema social. Mas não qualquer teoria filosófica: esse é o caso, notadamente, do idealismo (entendido aqui em sentido bastante alargado)⁵. O cerne do idealismo é a suposição da identidade. Em outras palavras: a crença de que o conceito já é idêntico ao conceituado, de que conceito e coisa já coincidem. Nas palavras do autor: “Identidade é a forma originária da ideologia” (Adorno, 2009, p. 129; GS6, p. 151).

Nem toda teoria filosófica é vista como ideológica nesse sentido (a saber, de justificação da realidade existente): a ontologia fundamental, por exemplo, é vista como uma ideologia complementar, e não como uma ideologia de justificação. Ideologias complementares geram adesão ao oferecerem consolo, ao darem um suporte para o indivíduo, ao fazê-lo não questionar a ordem social ou deixar de buscar a sua transformação. Ideologias de justificação, em contraste, buscam mostrar a racionalidade do mundo existente, almejam reconciliar o indivíduo com sua época e suas instituições. Ideologias complementares são criticadas por meio da exposição da carência que elas almejam suprir (a ontologia fundamental busca fornecer um solo firme, de forma semelhante a como a astrologia tentava oferecer um apoio paternal), ideologias de justificação são criticadas por meio da explicação da frustração de suas promessas⁶.

Cabe à teoria crítica, nessa situação, mostrar a não identidade entre conceito e coisa. Mas ela o faz com a esperança de que um dia elas venham a ser idênticas. Adorno chama essa situação hipotética de “identidade racional”. Mesmo a ideologia tem o seu momento de verdade, a saber: “a indicação de que não deve haver nenhuma contradição, nenhum

⁵ Embora Adorno use o conceito de idealismo de modo alargado, ele tem em vista sobretudo o idealismo absoluto hegeliano (bem mais do que o idealismo transcendental kantiano). É verdade, como indica o primeiro modelo, que também para Kant a liberdade já existe no mundo, ela já se realiza. Mas a realização da liberdade é uma característica necessária dos seres racionais e não uma conquista histórica da modernidade.

⁶ Tanto astrologia quanto a ontologia fundamental são ideologias complementares, mas isso não implica maiores semelhanças entre elas (para além do fato de ambas promoverem o conformismo). Contra possíveis mal-entendidos, cabe salientar que não há qualquer relação necessária entre a efemeridade dos objetos pueris e as ideologias complementares. A experiência espiritual tratada na seção anterior lida com objetos pueris (como a análise de uma coluna de astrologia de um jornal), mas não necessariamente com ideologias complementares (ela poderia lidar, por exemplo, com atos corriqueiros como abrir portas ou fechar janelas, para mencionar tópicos tratados na *Minima moralia*, os quais não servem necessariamente como indícios de conformismo).

antagonismo” (Adorno, 2009, p. 130; GS6, p. 152-53). O problema do idealismo é antecipar essa situação reconciliada e decretá-la como já existente⁷. O procedimento dialético negativo, nessa segunda acepção, consiste no contraste entre o conceito e o objeto conceituado. Não qualquer objeto, não qualquer conceito: é preciso lidar, aqui, com conceitos enfáticos: conceitos usados justamente para legitimar determinadas situações. São conceitos portadores de promessas, promessas recorrentemente frustradas, mas que poderiam, em um mundo futuro, se realizar.

Adorno não oferece uma definição precisa de conceito enfático. Na vigésima segunda aula do curso *Fragen der Dialektik* (1963-4) [*Questões de dialética*], Adorno compreende os conceitos enfáticos como aqueles que exprimem a própria essência da coisa conceituada. Os conceitos enfáticos tratados pela dialética, por lidar com tendências, com coisas em transformação, são necessariamente dinâmicos. Nas palavras do autor:

Quando falo de conceitos dinâmicos, utilizo já o próprio conceito de conceito em um sentido enfático. Isso quer dizer: só posso falar de conceitos dinâmicos ali onde os conceitos não são simplesmente fixados pela definição de suas características, mas onde os conceitos devem exprimir a essência da coisa à qual se dirigem. E se essa coisa, por sua vez, é ela própria dinâmica, se ela não é um ser, mas um devir, então o conceito será de tal natureza que deverá exprimir essa dinâmica. Somente para tais conceitos enfáticos, portanto, para conceitos que procuram exprimir a própria vida da coisa, é que o conceito de dialética pode ser aplicado de modo significativo. (Adorno, 2021, p. 276-77).

Já na conferência *Sociedade* (1966) ele distingue os conceitos enfáticos de conceitos classificatórios, também denominados como conceitos definicionais tradicionais:

Apenas uma teoria desenvolvida da sociedade poderia dizer o que é sociedade. Recentemente voltou a ouvir-se a objeção de que seria anticientífico insistir em conceitos como o de sociedade, pois só se poderia julgar a verdade ou a falsidade de proposições, e não de conceitos. A objeção confunde um conceito enfático, como o de sociedade, com um conceito definicional tradicional. Ele deve ser desenvolvido, não fixado terminologicamente de modo arbitrário em nome de uma suposta limpeza conceitual. (Adorno, GS8, p. 11).

O próprio Adorno não relaciona diretamente, como faço aqui, conceitos enfáticos e conceitos normativos, ou normativamente carregados. Não sou, no entanto, o primeiro a fazê-lo. Deborah Cook afirma: “Adorno adota o que ele descreve como uma concepção enfática, ou normativa, de certos universais — uma concepção que se apoia de modo muito forte em

⁷ Adorno formula isso de modo muito claro na conferência “A unidade de pesquisa e ensino sob as condições sociais dos séculos XIX e XX” de 1961: “E disso decorreria que já a concepção clássica da unidade entre pesquisa e ensino é ideologia em um sentido muito pregnante, a saber, em sentido pregnante na medida em que aquilo que nós — se não ampliarmos de modo indevido o conceito de ideologia — entendemos propriamente por ideologia é algo que seria bom se existisse, e cuja inverdade consiste em que é atribuído a algo existente que, em contraste com a pretensão que se levanta com o conceito que a ideologia elabora, não está realizado.” (Adorno, 2019, p. 283)

suas concepções de ideologia e de crítica da ideologia.” (2001, p. 7). Também Sommer argumenta: “O conceito enfático contém implicitamente um momento normativo: nesse caso, o da autonomia. [...] Eles sempre contêm uma norma em relação à qual o fenômeno concreto deve ser medido” (Sommer, 2016, p. 150). Essa interpretação encontra amparo em passagens da obra adorniana, como essa, retirada de “Sobre a lógica das ciências sociais”:

A correta ordenação da sociedade também está pensada no conceito enfático de verdade, por mais que ela não possa ser pintada como uma imagem de futuro. A *reductio ad hominem* que inspira toda elucidação crítica tem por substância aquele ser humano que ainda teria de ser produzido em uma sociedade senhora de si mesma. Na sociedade presente, porém, seu único índice é o socialmente falso. (Adorno, GS8, p. 565)

Pois bem, o procedimento dialético negativo é um caso especial de crítica da ideologia. Em geral, a crítica da ideologia consiste simplesmente na tentativa de se ser mais burguês do que a burguesia, de levar as suas promessas mais seriamente do que ela mesma as levou. A burguesia prometeu igualdade e entregou exploração? Então caberia ao crítico da ideologia cobrar a realização da promessa, denunciar a sua frustração.

Mas este segundo procedimento dialético negativo pretende dar um passo reflexivo a mais na crítica usual da ideologia. Ele pretende mostrar como a própria promessa já contém, em certa medida, a sua própria frustração. Os conceitos enfáticos são ambíguos: eles protestam contra o estado das coisas, mas também o sancionam. Eles propõem outro mundo, mas contaminam este porvir com traços do mundo presente. Por isso seria ingênuo acreditar na realização de tais promessas.

Por isso acerta quem reclama da carência de fundamento da dialética negativa (mas nisso arromba portas abertas, acusa réus confessos). A dialética negativa de fato não oferece fundamento algum. Aliás, isso é afirmado pelo próprio Adorno: a dialética causa vertigens, a sensação de se estar sem chão. É o que ocorre aqui: os conceitos usados na legitimação da ordem social são falsos, a realidade social é falsa, tudo é falso, e a crítica dessa falsidade toda não tem um solo firme no qual se basear.

2.1 O modelo “liberdade” como paradigma do segundo procedimento

Talvez o primeiro modelo do livro *Dialética negativa* seja o melhor exercício adorniano para ilustrar esse segundo procedimento, sua versão crítico-ideológica. Como é bem sabido, ele lida com o conceito de “liberdade”, em especial como esse conceito aparece na filosofia prática kantiana. Esse conceito cumpre com maestria os requisitos de conceito enfático: ele serve para legitimar a nossa ordem social, ele é uma promessa, um protesto

contra o estado das coisas vigente. Seria possível também a escolha do segundo modelo, centrado na filosofia hegeliana, o qual elabora a oposição entre espírito do mundo e história natural (na verdade, denuncia o espírito do mundo como história natural). Mas, creio, o primeiro modelo é mais paradigmático para ilustrar o procedimento. O importante aqui é frisar que muitos outros conceitos enfáticos poderiam servir como material para modelos de dialética negativa nessa segunda acepção. Esse é o caso dos conceitos de democracia, de justiça, de solidariedade, de igualdade, de ciência, de riqueza, de cidade, de sociedade entre tantos outros⁸.

No parágrafo “Autorreflexão do pensamento”, da segunda parte da *Dialética negativa*, Adorno faz uma espécie de síntese do modelo. Cito-a:

O juízo de que alguém é um homem livre refere-se, pensado de maneira enfática, ao conceito de liberdade. Este, porém, por sua vez, é tanto mais do que aquilo que é predicado daquele homem quanto aquele homem, por outras determinações, é mais do que o conceito de sua liberdade. Seu conceito não diz apenas que podemos aplicá-lo a todos os homens singulares definidos como livres. Ele se nutre da ideia de um estado no qual os indivíduos teriam qualidades que hoje e aqui não poderiam ser atribuídas a ninguém. [...] O conceito de liberdade fica aquém de si mesmo tão logo é aplicado empiricamente. Ele mesmo deixa de ser então o que ele diz. No entanto, como precisa ser sempre também conceito daquilo que é concebido com ele, precisa ser confrontado com isso. Tal confrontação o coloca em contradição consigo mesmo. Toda tentativa de excluir do conceito de liberdade, por meio de uma definição meramente instaurada, “operacional”, aquilo que a terminologia filosófica outrora denominou a sua ideia minimizaria arbitrariamente o conceito em favor de sua aplicabilidade em relação àquilo que ele designa em si. O singular é mais e menos do que a sua determinação universal. Mas, porque somente por meio da superação daquela contradição — isto é, por meio da identidade alcançada entre o particular e seu conceito — o particular, o determinado, chegaria a si mesmo, o interesse do singular não é apenas conservar aquilo que o conceito universal lhe subtrai, mas igualmente aquele mais do conceito em face de sua carência. Ele o experimenta até hoje como a sua própria negatividade. A contradição entre o universal e o particular tem por conteúdo o fato de que a individualidade ainda não é e por isso é ruim onde ela se estabelece. Ao mesmo tempo, essa contradição entre o conceito de liberdade e a sua realização também permanece a insuficiência do conceito; o potencial de liberdade exige uma crítica àquilo que sua formalização inevitável fez dele. (Adorno, 2009, p. 131-2*; GS6, p. 153-54)

Nem o conceito é a instância de verificação da realidade, nem a realidade a do conceito. O conceito porta um potencial crítico em relação à realidade: ele é tudo aquilo presente na terminologia filosófica, e não sua pálida realização empírica. Mas também os indivíduos taxados como livres são “mais do que o conceito de sua liberdade”, também o conceito tem sua insuficiência, e aqui reside a tarefa filosófica: na crítica dessa insuficiência.

⁸ A questão é se poderia haver modelos a partir de conceitos como o de violência, injustiça, dominação, exploração ou opressão. Acredito que não. Afinal, esses conceitos não portam promessas, não visam legitimar a ordem existente. Ainda assim, eles são conceitos dinâmicos, eles buscam indicar a essência da coisa, e, logo, poderiam ser considerados conceitos enfáticos caso não se use essa categoria exclusivamente para indicar certo índice de normatividade.

O exame do conceito de liberdade na filosofia prática kantiana é um exercício para elaborar tal insuficiência. De forma extremamente resumida, duas teses se destacam: a filosofia prática kantiana se afasta de qualquer empiria, da análise do contexto social no qual os indivíduos agem, para se refugiar num mundo inteligível. Essa concepção de liberdade é abstrata e subjetiva. Assim, para Kant, qualquer indivíduo é livre (na verdade, qualquer ser racional): não importa se é um escravo, se vive sob uma tirania, se se encontra em situação de total privação material ou mesmo se está sob tortura. Kant não percebe o devir do conceito de liberdade: ele surge em sociedades determinadas, em contextos específicos, e como uma promessa feita pela sociedade aos seus participantes. Mas esse “erro” kantiano é necessário, pois sem ele não seria possível a aliança entre a doutrina da liberdade e a prática repressiva. Essa é a segunda grande tese do modelo. O indivíduo precisa ser declarado livre para poder ser responsabilizado pelos seus atos. E precisa ser responsabilizado para ser legítima a sua punição. Assim, a liberdade é necessária, pois sem ela não seria justo punir os indivíduos.

Adorno interpreta o caráter antinômico do conceito de liberdade na filosofia prática kantiana como expressão de uma mudança de ares da burguesia: ela combate a antiga opressão aristocrática feudal, mas ao mesmo tempo promove a nova opressão, burguesa e capitalista. Sua aversão à tutela não é maior do que seu horror à anarquia, e por isso sanciona a nova autoridade, não importa quão irracional ela seja.

Pois bem, a crítica da ideologia surgida neste segundo procedimento não quer simplesmente a realização do conceito. O conceito burguês de liberdade é esse conceito, abstrato e subjetivo, repressivo, o qual de certa forma até já está realizado, ou ao menos tem sua parcela de culpa na maldade existente, está imiscuído nela. Uma sociedade transformada também carece de conceitos transformados: uma concepção de liberdade que não abstraia dos indivíduos empíricos e dos contextos nos quais eles agem, uma concepção consciente do valor da liberdade, de que ela pode ser perdida, frustrada, negada.

Considerações finais

Encerro este artigo com algumas conclusões. Propus aqui um exercício, a saber, pensar as consequências se, contra a manifesta compreensão do próprio autor, considerarmos que o livro *Dialética negativa* expõe dois procedimentos de teoria crítica distintos, e não apenas um. Depois dessa separação considero difícil uma nova junção da experiência espiritual com a crítica da ideologia, e agora explico rapidamente as razões desse meu julgamento: cada procedimento se volta a objetos diversos, mobiliza concepções distintas de não identidade, comporta momentos especulativos próprios e constitui, em si, uma via teórica

específica. Não obstante, há uma zona cinzenta entre um e outro, pontos de contato, e eles não são inconciliáveis entre si.

Objetos diferentes

Os dois procedimentos lidam com objetos muito diferentes. Vejam essa citação da “Introdução”:

Exigir da filosofia que ela trate da questão do ser ou de outros temas centrais da metafísica ocidental é crer primitivamente no material. (...) Ela precisa temer a um tal ponto os caminhos batidos da reflexão filosófica que seu interesse enfático acaba por buscar refúgio em objetos efêmeros, ainda não superdeterminados por intenções. (Adorno, 2009, p. 23; GS6, p. 28)

Ótima citação para explicar os motivos pelos quais o filósofo deve se deter em colunas de astrologia ou na perda da capacidade das pessoas de trocarem presentes, abrirem janelas ou fecharem portas, para mencionar assuntos tratados em *Minima Moralia*, outro livro no qual a experiência espiritual é minuciosamente elaborada. Mas tem algo mais contrário a essa indicação do que aquilo que o próprio Adorno faz nos dois primeiros modelos? Há caminho mais batido do que tratar do tema da liberdade? Acho difícil compatibilizar a demanda pela micrologia, pelo interesse no efêmero e no pueril, com a necessidade de contrastar o conceito enfático e o objeto conceituado. A separação, aqui, ajuda a definir em quais objetos o procedimento dialético negativo se aplica, em qual objeto cabe imergir: na experiência espiritual no singular, no efêmero, no pueril, no detalhe mais ínfimo no qual é possível, sempre, desvendar os nexos e mediações que tornam a nossa sociedade uma totalidade; já na crítica da ideologia: em todos os conceitos enfáticos usados para legitimar a nossa sociedade, nas promessas frustradas de nossa modernidade.

Conceitos de não identidade diferentes

Além disso, a categoria central da dialética negativa, a não identidade, tem sentidos diferentes em cada um dos procedimentos: na experiência espiritual, não identidade significa o não conceitual (e por isso a semelhança com o valor de uso na terminologia marxiana), tudo aquilo não abarcado pelo conceito, o que escapa ou excede ao exercício da conceituação, os elementos qualitativos que todavia podem ser abordados por conceitos constelados depois de terminadas as suas autarquias. Já na crítica da ideologia, não identidade significa a diferença entre o conceito e a coisa, a não realização das promessas contidas nos conceitos enfáticos e a contaminação do existente nesses conceitos. Na coluna de astrologia, objeto possível de uma experiência espiritual, a não identidade corresponde aos elementos retóricos, miméticos e

expressivos contidos na sua escrita, elementos sem os quais não se consegue conhecer a singularidade da coluna; já no conceito burguês de liberdade, objeto possível da crítica da ideologia, a não identidade indica as diferenças entre o conteúdo do conceito e a realidade burguesa efetivamente existente, seus excessos e suas carências.

Momento especulativo diferente

A própria negação determinada do conceito de não identidade, o conceito de identidade racional, só faz sentido no procedimento de crítica da ideologia: na sociedade emancipada a coisa liberdade é idêntica ao seu conceito (um conceito, todavia, transformado). Essa mesma identidade racional não serve para a coluna de astrologia: não se trata de almejar um mundo no qual o uso classificatório dos conceitos consiga abarcar os elementos que lhe escapam (aliás, tal sugestão é totalmente contrária à metacrítica da teoria do conhecimento de Adorno). No caso da experiência espiritual, a demanda não é por identidade racional, e sim pela libertação das qualidades (e tal libertação transforma não apenas a apreensão conceitual, mas também e sobretudo o próprio objeto).

Procedimentos diferentes

Experiência espiritual e crítica da ideologia têm objetos diferentes, e apesar de partilharem conceitos em comum, os sentidos destes conceitos também conflitam entre si – é esse, ao menos, o caso com o conceito de não identidade e com a negação determinada ou momento especulativo. E isso ocorre simplesmente porque são procedimentos distintos: a experiência espiritual consiste em um imergir na coisa, em um abandonar-se ao objeto, persegui-lo, deixar ele se mostrar (é uma espécie de fenomenologia sem pretensão de qualquer imediatez); já a crítica da ideologia persegue não o objeto, mas o contraste deste com o seu conceito enfático. A experiência espiritual mostra a totalidade no detalhe micrológico, a crítica da ideologia denuncia a frustração das promessas modernas.

Zona cinzenta

O contraste entre os dois procedimentos dialético-negativos proposto aqui não aponta para uma incoerência ou falha da teoria adorniana. Os dois procedimentos são conciliáveis⁹.

⁹ Desde minha tese de doutorado (2015) e em alguns artigos posteriores (2019, 2024) argumento que Adorno oscila na exegese da crítica da economia política marxiana entre uma postura típica do marxismo ocidental e outra desenvolvida pelas Novas leituras de Marx, e tal oscilação deixa marcas profundas na *Dialética negativa* (isso justifica, inclusive, a tensão entre os dois conceitos de não identidade). Luiz Philipe de Caux (2021) aprofunda e desenvolve esse argumento, a ponto de falar de um “duplo Adorno”. Minha proposta nesse artigo se

Além de ganhar precisão analítica, minha intenção aqui é apenas indicar que em sua obra tardia Adorno sugere duas possibilidades para se fazer teoria crítica, e não apenas uma. As duas são interessantes e pertinentes, podem se somar e se combinar. Aliás, boa parte dos escritos finais de Adorno – sejam livros, artigos, conferências ou mesmo notas de aulas – fazem uma mescla entre esses dois procedimentos, habitam a zona cinzenta entre a experiência espiritual e a crítica da ideologia.

Perenidade e caducidade dos procedimentos

Tanto a experiência espiritual quanto a crítica da ideologia são procedimentos modernos. A experiência espiritual depende da disseminação da forma mercadoria, da consolidação da troca mercantil como relação social por excelência, pois é isso que faz a sociedade tornar-se uma totalidade e essa totalidade estar presente em cada detalhe, ainda no mais ínfimo. A crítica da ideologia carece de discursos de legitimação com pretensões de universalidade e de racionalidade. Isso só emerge com a ascensão da burguesia. O discurso aristocrático, baseado na honra e nos privilégios, não faz promessas, não busca persuadir os demais membros da sociedade da racionalidade de obedecer aos seus comandos.

A teoria crítica quer se tornar obsoleta: em uma sociedade liberta ela será desnecessária. A crítica da ideologia se torna caduca, pois haveria uma identidade entre o conceito enfático e a coisa conceituada. O conceito de liberdade indicaria com precisão a realização da liberdade no mundo. O caso da experiência espiritual é um pouco diferente: não haveria uma totalidade presente em cada detalhe, mas disso resultariam experiências ainda mais ricas, plenas (a “multiplicidade não enquadrada em nenhum esquema”, nas palavras do frankfurtiano [2009, p. 20; GS6, p. 25]).

No entanto, o próprio Adorno reconhece, ou, melhor dito, lamenta, a obsolescência da crítica da ideologia. O mundo já não oferece mais um discurso de legitimação, os homens já são a sua própria ideologia, ideias como a de liberdade perderam seu interesse (notem: ele diz isso uma década antes de Thatcher transformar essa tese no lema “There is no alternative”). Isso é uma regressão: é um retorno a uma dominação não mediada por discursos de legitimação (e sim pela força ou pela falta de alternativa). Não se trata mais de “essa é a melhor organização possível”, mas sim de um “aceita que dói menos”. O livro *Dialética negativa* é a elaboração mais sofisticada do procedimento da crítica da ideologia, mas talvez

distancia desse desenvolvimento: ao contrário dos meus textos anteriores e do livro de de Caux, não indico aqui uma proposta interessante frente a outra equívoca (ou, em outras palavras: um Adorno correto e outro errado), mas duas possibilidades fecundas para a crítica social.

também seja seu canto de cisne: sem promessas não é possível denunciar sequer a sua frustração.

Declaração de conflito de interesse

A autora declara que não há conflito de interesse.

Declaração de disponibilidade de dados da pesquisa

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Declaração de uso de IA

Não houve utilização de ferramentas de Inteligência Artificial.

Referências

- ADORNO, Theodor W. **Gesammelte Schriften in 20 Bänden**. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1986.
- ADORNO, Theodor W. **As estrelas descem à Terra**. São Paulo: Unesp, 2008.
- ADORNO, Theodor W. **Dialética negativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- ADORNO, Theodor W. **Philosophie und Soziologie**. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2011.
- ADORNO, Theodor W. **Vorträge 1949-1968**. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2019.
- ADORNO, Theodor W. **Fragen der Dialektik**. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2021.
- CAUX, Luiz Philipe de. **A imanência da crítica: estudo sobre os sentidos da crítica na tradição frankfurtiana e pós-frankfurtiana**. São Paulo: Edições Loyola, 2021.
- COOK, Deborah. Adorno, ideology and ideology critique. **Philosophy & Social Criticism**, London, v. 27, n. 1, p. 1-20, 2001.
- FLECK, Amaro de Oliveira. **Theodor W. Adorno: um crítico na era dourada do capitalismo**. 2015. 202 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

- FLECK, Amaro de Oliveira. O anticapitalismo de Adorno: entre o marxismo e as novas leituras de Marx. **Dissonância: Revista de Teoria Crítica**, Campinas, v. 3, n. 2, p. 151-179, 2019.
- FLECK, Amaro de Oliveira. Sobre el concepto de no-identidad en la Dialéctica Negativa de Adorno. **Aisthesis**, Santiago, n. 76, p. 175-189, 2024.
- PUCCIARELLI, Daniel. **Materialismus und Kritik**. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2019.
- SCHNÄDELBACH, Herbert. Dialektik als Vernunftkritik: Zur Konstruktion des Rationalen bei Adorno. In: FRIEDEBURG, Ludwig von; HABERMAS, Jürgen (org.). **Adorno-Konferenz**. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1983. p. 66-93.
- SOMMER, Marc Nicolas. **Das Konzept einer negativen Dialektik: Adorno und Hegel**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2016.
- THYEN, Anke. **Negative Dialektik und Erfahrung. Zur Rationalität des Nichtidentischen bei Adorno**. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1989.

Two negative dialectics: Spiritual experience and ideology critique in the late Adorno

Abstract: Negative Dialectics is not only the title of Adorno's 1966 book, but also the name of the theoretical-critical procedure proposed by the author in that work. This article defends the thesis that this procedure is in fact twofold. The first is spiritual experience: an immersion in ephemeral and puerile objects. In such experience, immersion seeks to go beyond the mere classification of these objects; through a constellation of concepts, it aims to open up what the concept alone cannot grasp—the non-identical. Non-identity, in this case, is synonymous with the non-conceptual. This procedure is well illustrated by Adorno's essay *The Stars Down to Earth*. The second procedure is that of ideology critique. Its object is the contrast between emphatic concepts—more precisely, those present in discourses of legitimation—and their realization. Ideology critique seeks both to denounce the frustration of the promises contained in these concepts and to show that these very concepts already contain such frustration. Non-identity now signifies the differences between the discourse of legitimation and social reality, which also constitutes the mark of the existing antagonism. The ideal would be a world in which concepts were in fact realized, in which there would be a rational identity between the emphatic concept and the world sanctioned by it. The first model of Negative Dialectics, "Freedom," is the paradigm of this second procedure.

Keywords: Theodor W. Adorno, Negative Dialectics, Non-identity, Spiritual experience, Ideology critique.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.